



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

SAMUEL ÂNGELUS HENRIQUE FARIAS

**MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA: O RETRATO DA RELAÇÃO BILATERAL
BRASIL-ESTADOS UNIDOS NOS EDITORIAIS DA FOLHA DE SÃO PAULO, O
ESTADO DE SÃO PAULO E O GLOBO (2000-2019)**

João Pessoa

2023

SAMUEL ÂNGELUS HENRIQUE FARIAS

**MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA: O RETRATO DA RELAÇÃO BILATERAL
BRASIL-ESTADOS UNIDOS NOS EDITORIAIS DA FOLHA DE SÃO PAULO, O
ESTADO DE SÃO PAULO E O GLOBO (2000-2019)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em formato de artigo científico como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira

João Pessoa

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F224m Farias, Samuel Ângelus Henrique.

Mídia e política externa: o retrato da relação bilateral Brasil-Estados Unidos nos editoriais da Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo e o Globo (2000-2019) / Samuel Ângelus Henrique Farias. - João Pessoa, 2023.

31 f. : il.

Orientação: Túlio Sergio Henriques Ferreira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Mídia. 2. Análise de editorial jornalístico. 3. Política externa brasileira. 4. Relação Brasil-Estados Unidos. 5. Estados Unidos da América. I. Ferreira, Túlio Sergio Henriques. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

SAMUEL ANGELUS HENRIQUE FARIAS

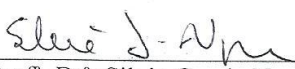
**MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA: O RETRATO DA RELAÇÃO BILATERAL
BRASIL-ESTADOS UNIDOS NOS EDITORIAIS DA FOLHA DE SÃO PAULO, O
ESTADO DE SÃO PAULO E O GLOBO (2000-2019)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Relações Internacionais do Centro
de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
como requisito parcial para obtenção do grau
de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 01 de junho de 2022

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Túlio Sergio Henriques Ferreira – (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB


Profª. Drª. Sílvia Garcia Nogueira
Universidade Federal Fluminense - UFF


Prof. Dr. Henrique Zeferino de Menezes
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

AGRADECIMENTOS

Àqueles que ofereceram o que tem de melhor, seus ensinamentos, seus conhecimentos, uma prosa atenta, uma ação de doação, sem esperar nada em troca. A cada um que carrega consigo uma lição, uma palavra de sabedoria, uma filosofia de vida, uma lente diferente sobre o mundo, um modo singular de pensar e refletir. Como um quebra-cabeças, ajudaram-me a me formar, em todos os sentidos. Estes a quem me refiro, são comumente chamados de “professores”.

Representando o ensino fundamental, gostaria de agradecer à professora Janice Corrêa, minha professora da alfabetização, que me ensinou a ler e a escrever. Não poderia deixar de agradecer também à “tia” Jeanne, que me ensinou a somar e subtrair ao mesmo tempo em que mostrou que tudo é possível quando feito com dedicação.

Do mesmo modo, agradeço ao meu professor de teatro, Flávio Ramos, que me ensinou a sair da zona de conforto e a usar o diafragma.

Aos vários professores de esportes, de música, de idiomas. Me trouxeram até aqui.

Representando o ensino médio, gostaria de agradecer à minha querida professora de redação, Paula. Ela me ensinou que no cântaro das letras há fonte de conhecimento infinito. Obrigado professora.

Agradeço aos meus tios e tias, que me apoiaram a vida toda, àqueles que não mediram esforços para me ajudar com livros e me deram forças a seguir. Eles também me ensinaram o valor do maior presente que é estar presente.

Aos meus amigos, que me ensinaram muito sobre perseverança e estiveram comigo em todos os momentos e “empreitadas” no curso.

Representando o ensino superior, gostaria de agradecer ao meu orientador, Túlio Ferreira, que no meio de uma pandemia acreditou em mim, me capacitou e me ensinou a desfrutar de cada etapa da produção do conhecimento com competência, leveza e seriedade.

Agradeço aos meus avós, os que já estão no céu e os que estão na terra. Eles sempre me deram conselhos de valorizar e nunca desistir dos estudos.

Gostaria de agradecer à minha namorada, Gabrielly Kretli, que me aguentou e ouviu todas as minhas teorias sobre mídia e política externa, e me ensinou que o amor é paciente, bondoso e bonito.

À minha irmã, que me ensina todos os dias que a vida é uma festa. Obrigado Sasá.

Agradeço a Jesus, o nazareno, que me ensinou muito sobre a fé.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus pais, Tarcísio e Nalva. Para muitos, eles são professores de Filosofia e Ensino Religioso, mas para mim são os meus professores da vida. Gratidão eterna.

RESUMO

Este artigo investiga a representação da relação bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos da América nos editoriais de três jornais brasileiros, vide: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. Compreendendo a importância da mídia nos processos de tomadas de decisão e na influência da opinião pública em matéria de política exterior, postula-se analisar de forma quantitativa e qualitativa o corpo do texto editorial. Ao mesmo tempo, busca-se identificar o enquadramento e a agenda dos jornais brasileiros sobre o vínculo bilateral entre o Brasil e Estados Unidos entre os anos de 2000 e 2019.

Palavras-chave: Mídia; Análise de Editorial Jornalístico; Política Externa Brasileira; Estados Unidos da América.

ABSTRACT

This article studies the representation of bilateral relationship between Brazil and the United States of America in the editorials of three brazilian journals, see: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo and O Globo. Understanding the relevance of the media in decision-making processes and the influence of public opinion in matters of foreign policy, it is postulated to analyze quantitatively and qualitatively the corpus of the editorial text. At the same time, seeks to identify the framing and the agenda of brazilian newspapers about the bilateral link between Brazil and the United States over the years 2000 and 2019.

Keywords: Media; Journalistic Editorials Analysis; Brazilian Foreign Policy; United States of America.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. RELAÇÃO MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA: O ENQUADRAMENTO E O PODER DE AGENDA.....	11
3. A RELAÇÃO BRASIL-ESTADOS UNIDOS: BREVE RETROSPECTO HISTÓRICO.....	13
4. METODOLOGIA.....	16
5. ANÁLISE DAS RELAÇÕES BRASIL – ESTADOS UNIDOS NA MÍDIA.....	18
6. CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Retratar fatos e acontecimentos é construir a realidade e disputar o imaginário e a recepção de determinada sociedade. Assim, em qualquer representação midiática, o jornalista, autor ou criador tem de escolher o que colocar em primeiro plano e plano de fundo, ou seja, o que será enfatizado, o que será relevado e, ao fazê-lo, uma agenda específica é definida (FAIRCLOUGH, 1995). Do mesmo modo, o campo editorial de um jornal postula sua opinião e posicionamento sobre determinado tema, área fértil para compreender o pensamento e as ênfases em evidência e disputa. Embora imagens generalistas estejam implícitas ao texto, é possível, a partir de métodos adequados, descrever padrões e tendências nas representações da mídia; testar hipóteses sobre políticas ou objetivos dos produtores de mídia; avaliar a representação de determinados grupos na sociedade; e, até mesmo comparar o conteúdo da mídia com o mundo real (BARRIE, 2000).

No escopo da Análise de Política Externa (APE), os estudos confluem para a emergência da mídia de massa como ator relevante e influente no cálculo do processo decisório (COHEN, 1963; ROSENAU, 1966; SHAPIRO e PAGE, 1988; HUDSON, 2008). Do mesmo modo, Kerstin Schulz (2013) afirma que o estudo e análise da mídia na elaboração da política pode ser caracterizado como contingente, multidirecional e dinâmico. Contingente, pois sua influência é variada e o campo do conhecimento está longe de uma análise sistêmica; multidirecional, pois assume a condição de ser complexa e diversa no intento de determinar direções e requisitos de influência; por fim, dinâmico, pois pode estar atrelado transversalmente em variados atores sociais, como por exemplo, líderes e opinião pública. Nesse sentido, Ferreira e Cunha (2021) explicitam que, embora não haja consenso de “como quantificar a influência ou a relação da opinião pública e da mídia, como um ator imaterial, na formulação das políticas de Estado”, a dinâmica entre mídia e política externa propõe “indicar que tal variável não poderia ser desprezada no jogo do processo decisório”.

No contexto brasileiro, autores como Nogueira (2012) e Casarões (2012), defendem a tese da mídia como um ator importante nas relações do Brasil e sua inserção no cenário internacional. É justo, portanto, localizar a função e a importância dos meios de comunicação nas tomadas de decisão e compreender que a política internacional é retratada por meio destes (BAUM e POTTER, 2008; ROBINSON, 2008). Em suma, a premissa deste artigo é compreender como as relações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos foram representadas nos

editoriais dos jornais brasileiros de maior circulação (Dados IVC¹), respectivamente, a Folha de São Paulo (*FSP*), O Estado de São Paulo (*OESP*) e O Globo (*OG*). No cômputo geral durante os anos de 2000 até 2019, tomando como média a publicação de dois editoriais por dia a cada jornal, o universo editorial focado em matéria de política externa é comparativamente pequeno. Este período analisado está coligado, principalmente, ao contexto de ascensão e transformação das estruturas das mídias, a partir da ideia de democratização da informação, do maior acesso à notícia e maior atenção da opinião pública (AZEVEDO, 2006; BAUM e POTTER, 2019).

Entre desencontros e afinidades, como sublinha Monica Hirst (2009), o vínculo bilateral Brasil-Estados Unidos engendrou a tônica a partir de debates baseados, grosso modo, em torno do alinhamento e da autonomia, o que pode vir a configurar e se desdobrar como americanismo ou antiamericanismo, como veremos adiante. Levando em consideração a importante posição dos Estados Unidos da América (EUA) na política internacional e sua influência na América Latina, autores como Pinheiro (2000), Hirst (2009), Neto (2011) e Bandeira (2014) assentem para o caráter central dos EUA no cálculo da Política Externa Brasileira (PEB). Contudo, é sempre relevante atualizar e encontrar novos elementos imbricados nessa dinâmica, pois tal associação bilateral ecoa nos debates propugnados pela mídia, pela opinião pública, pelos tomadores de decisão e pelas elites. Nesse sentido, é possível analisar a política externa e as relações bilaterais a partir de âmbitos domésticos, como por exemplo, o tipo do regime, os grupos de interesse, o desenho institucional e os atores sociais. (HUDSON, 2008).

Assim colocado o escopo ao qual o presente artigo está inserido, pode parecer em um primeiro momento que há uma diversidade de atores em questão, como a mídia, a política externa dos EUA, a política exterior brasileira, a opinião pública e os tomadores de decisão. Contudo, vale salientar que o recorte aqui proposto engloba a identificação e descrição da dinâmica entre a mídia – singularizada pelo corpo editorial dos jornais *FSP*, *OESP* e *OG* – e o retrato bilateral Brasil-Estados Unidos. Não é objetivo, portanto, criar um modelo de análise para estabelecer relações de causa e efeito, mas sim responder de forma descritiva qual é a imagem e a representação das relações Brasil-Estados Unidos nos jornais brasileiros.

Nesse ínterim, afora a introdução e conclusão, o presente artigo será dividido em quatro partes: primeiramente, serão apresentados os debates em torno da mídia e sua função de influência na política externa, abordando características como o *framing* e o *agenda setting*. Do mesmo modo, será explicitado a definição de mídia adotada para os devidos fins desta pesquisa.

¹ Instituto Verificador de Comunicação que produz auditoria multiplataforma sobre mídia.

No segundo momento, será feito um retrospecto histórico sobre os desencontros e afinidades das relações Brasília-Washington, do ano de 2000 até 2019, a fim de firmar referencial teórico cabível. A terceira seção corresponde à apresentação das metodologias e instrumentos utilizados para operacionalização dos conceitos apresentados. Por fim, a quarta seção trata precisamente das descobertas e análises dos editoriais dos jornais *FSP*, *OESP*, *OG*.

2. RELAÇÃO MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA: O ENQUADRAMENTO E O PODER DE AGENDA

O estudo das interações entre mídia e política externa, de caráter multifacetado e interdependente, necessita de um recorte bem definido, para delinear caminhos causais e descritivos coerentes entre os elementos constituintes, além de evitar distorções nas previsões e nos apontamentos teóricos (BAUM e POTTER, 2008). Partindo do pressuposto de que são atores ativos, interessados e influentes, descrever o retrato proposto pelos veículos de comunicação é identificar quais mensagens e símbolos existem na sociedade. Por isso, a mídia não tem somente a finalidade de divertir, entreter e informar, mas também de imputar nos indivíduos valores, crenças e códigos de comportamento que os integrem nas estruturas institucionais da sociedade mais ampla (HALLIN, 1986; HERMAN e CHOMSKY, 2010).

De modo geral, Robinson (2008) busca dividir a literatura da relação entre mídia e política externa em duas escolas de pensamentos: o Modelo da Elite, no qual defende que o poder está concentrado em grupos de elite capazes de dominar a política e a sociedade, alocando a mídia como subserviente, ou seja, os meios de comunicação seriam atores permeáveis e indexadores aos interesses das elites e grupos dominantes; e, o Modelo Pluralista, ao afirmar que o poder está disperso em vários grupos na sociedade e a mídia pode exercê-lo de forma independente, como ator ativo e influente. Mais recentemente, autores como Hanush e Tandoc Jr. (2019) abordam um novo elemento que “os papéis que os jornalistas concebem são moldados, em parte, pelo que eles pensam que o público pode esperar deles” admitindo, assim, as métricas e práticas jornalísticas de corresponder às demandas pela informação.

Os progressos acadêmicos na área de mídia, opinião pública e política externa são desafiadores, dada a dificuldade de conceitualização dos atores e a formulação de um modelo coerente que promova com clareza relações de causa e efeito dentro de uma dinâmica dita contingente e multidirecional (SCHULZ, 2013). Dentre estes desafios, estão presentes os fatores metodológicos e teóricos, as exíguas demandas da opinião pública sobre esse tema, a

elitização intelectual e econômica sobre a referida pauta e, por fim, a falta de instrumentos para encontrar dados robustos e confiáveis (HUDSON, 2008; SCHULZ, 2013).

Além disso, estudos revelam que os cidadãos baseiam suas opiniões em matéria de política exterior a partir de princípios abstratos, como por exemplo, imagens de nações estrangeiras (BAUM e POTTER, 2008). Contudo, ainda que existam trabalhos nesse desenho de pesquisa, a análise objetiva da percepção da opinião pública sobre determinado ator ou sujeito, baseado no retrato da mídia, é de difícil execução e necessita de amplo e estruturado rigor metodológico. Por outro lado, é possível conduzir tal análise a partir do próprio corpo do texto midiático e, operacionalizando os conceitos de *framing* e de *agenda setting*, descrever e identificar qual é a projeção imagética das relações entre nações e suas políticas externas, pautado no que é enfatizado ou omitido pelos meios de comunicação.

Dessa forma, o conceito de *framing*, ou seja, o enquadramento midiático surge justamente da lógica defendida de que os meios de comunicação seriam capazes de moldar a opinião pública a partir do enquadramento de fatos, histórias e eventos. Assim, a mídia teria um forte poder na aplicação de seus interesses para a formação da opinião pública “de modo a promover a definição de determinado problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito” (ENTMAN, 1993). Atrelado ao *framing*, outro conceito importante para instrumentalização da análise é o conceito de *agenda setting*. Referente ao poder de agenda dos meios de comunicação, ou agendamento da notícia, o *agenda setting* corresponde à capacidade da mídia projetar relevância para determinado fato por meio da constante veiculação e disseminação das notícias (COHEN, 1963). Nesse sentido, o efeito de persuasão da mídia é explicitado quando esta se propõe a hierarquizar as informações e os fatos, projetando, assim, uma intenção clara sobre a notícia ou editorial.

Tendo em mente a dinâmica da mídia e opinião pública, é de suma importância compreender que, no contexto brasileiro, a circulação dos jornais iniciou-se na história de forma tardia e escassa. Tardia, pois, a imprensa passou a estruturar-se como “grande imprensa” entre o século XIX e o XX. Escassa, pelo fato de estar concentrada, principalmente, no eixo Rio-São Paulo. Contudo, é apenas após a constituição de 1988 que a dinâmica entre a opinião pública, os tomadores de decisão e a elite se tornou mais presente, baseada na participação democrática (AZEVEDO, 2006). A emissão de opinião pelos jornais e o caráter assertivo em determinadas pautas, como por exemplo, a política externa, qualificou a mídia como ator interessado e formativo, embora permeável à dinâmica supracitada (BAUM e POTTER, 2008).

Segundo Lima (2000) e Lopes (2011), o ambiente democrático fez com que houvesse uma participação cada vez maior da sociedade civil, vide opinião pública, em assuntos internacionais. As alterações da dinâmica entre os atores em questão, atreladas aos avanços tecnológicos e evolução dos meios de comunicação fizeram com que esse tema se tornasse mais visível, haja vista o interesse da mídia em tratar de assuntos internacionais. A democratização impulsionou o debate público sobre temas de política exterior, principalmente os tocantes à economia e ao comércio internacional. Assim, a temática internacional tem ganhado relevância na agenda da opinião pública, denotada pelo crescente enquadramento e agenda dos grandes jornais brasileiros em sua produção editorial sobre a Política Externa Brasileira.

Este delineamento conceitual ajuda a compreender como as notícias na mídia não simplesmente replicam a realidade, mas, na verdade, podem ser construídas para produzir um entendimento, imagem ou percepção de um problema (ROBINSON, 2001). Dessa forma, os meios de comunicação de massa servem como um sistema para comunicar mensagens e símbolos, sendo sua função: “divertir, entreter, informar e inculcar os indivíduos com os valores, crenças e códigos de comportamento” (HERMAN e CHOMSKY, 1988). Embora ainda não haja consenso sobre como a mídia é influenciada pelas elites ou agentes governamentais e se influencia a opinião pública da mesma maneira, há algo objetivo a ser analisado. A informação veiculada denota posicionamentos, agendas, enfoques e discursos. Mais especificamente, o campo editorial, em seu caráter opinativo e formativo, atinge o público e os tomadores de decisão para gerar concepções, repercutir relevâncias e produzir imagens e conceitos sobre algum tema, em aplicação, o vínculo bilateral entre Brasília e Washington.

3. A RELAÇÃO BRASIL-ESTADOS UNIDOS: BREVE RETROSPECTO HISTÓRICO

Entende-se por relação entre Brasil e Estados Unidos o resultado da dinâmica entre a política exterior de ambos os países. O caráter central dessa interação produz lastro para análises transversais, pois é pauta presente nos mais diversos âmbitos da sociedade seja nas manchetes, nas chamadas de notícias, nos editoriais ou nos debates ao vivo. Desse modo, é possível analisar tal vínculo bilateral a partir da compreensão do que se fala e como se fala, ou seja, qual o teor e a substância, os sentimentos e os conteúdos. Ademais, é fundamental firmar o referencial teórico para encontrar correspondências – ou a falta delas – e descrever de modo objetivo o que os jornais propõem no sentido de encontros e afinidades, tanto no âmbito da política exterior, quanto também na percepção da função dos EUA perante o Brasil e o mundo.

O século XXI passou por diversas etapas dessa relação. Desde a interação entre Clinton-FHC, passando por Bush-Lula, Obama-Lula, até chegar em Trump-Bolsonaro. De fato, existem maiores ou menores aproximações do eixo Brasília-Washington em matéria de política externa. A alternância entre bons e maus momentos esteve relacionada ao bojo das estratégias de defesa de uma maior aproximação com os Estados Unidos ou um distanciamento em busca pela autonomia (FERREIRA e COSTA FILHO, 2017).

As relações entre Brasil e Estados Unidos situam-se em contexto dual: por um lado, o lastro de uma aliança política e econômica histórica entre os dois países, cujos benefícios foram sempre percebidos e apreciados por ambas as partes, independentemente dos governos; por outro, a competição entre os dois, em visão geopolítica e no confronto de interesses econômicos específicos. Esse substrato condiciona as relações bilaterais (...). CERVO e BUENO. 2015. p. 557.

Para tanto, dificilmente encontra-se uma homogeneização nas relações bilaterais entre os dois países, embora seja possível identificar e atestar o caráter pragmático e realista conduzido pela Política Externa Brasileira. Nesse sentido, o processo de tomada de decisão em política externa, diacronicamente, performa os ajustes necessários nas áreas da economia e de segurança internacional, assim como projeta o caráter assertivo capaz de interpor e ressaltar o interesse brasileiro no cálculo desta dinâmica bilateral (HIRST, 2006).

No final do século XX e início do século XXI, fim da Guerra Fria, as relações entre Brasil e Estados Unidos salientaram o interesse no desenvolvimento a partir do multilateralismo e da cooperação, estendidos para as esferas da economia e da segurança internacional. Durante os dois mandatos do democrata Bill Clinton ocorre a gênese do Nafta, da Organização Mundial do Comércio e, contemplando o contexto brasileiro, o estímulo à Alca com o objetivo de integração e liberalização comercial. Nesse período, a diplomacia brasileira explicitava sua visão de política internacional fundamentada nas visões do barão do Rio Branco, pautada no vínculo bilateral histórico e na consonância de respeito mútuo. Do mesmo modo, o presidente brasileiro FHC possuía uma relação pessoal com Clinton, priorizando relações com os EUA e a Europa Ocidental (CERVO e BUENO, 2015; GUIMARÃES, 2002; MILANI, 2011).

Naturalmente, a mudança de administração na Casa Branca em 2001 alterara pontos sensíveis desta relação bilateral. Como afirma Guimarães (2002), George W. Bush projetou um perfil unilateral, agressivo e ofensivo na condução da política exterior norte-americana. Somado ao contexto de “Guerra ao Terror”, após o 11/09, assentiu-se para um entendimento diferente no discurso e nas ações do novo governo em comparação ao que seria a cooperação, o idealismo e o multilateralismo anteriormente propugnados por Clinton. Do ponto de vista da política

exterior do Brasil, protagonizada pelo presidente Lula, as relações com os Estados Unidos deveriam assumir posturas além da âncora histórica ao projetar ênfase na busca e defesa do interesse nacional (HIRST, 2006). A diplomacia brasileira anunciaria, portanto, uma inserção internacional baseada verdadeiramente em uma ação externa mundial e universal, não mais atrelada preferencialmente aos Estados Unidos (CERVO e BUENO, 2015; MILANI, 2011).

A partir de 2008 o vínculo Brasília-Washington obteve um novo elemento, encorajado pela dinâmica de proximidade e afinidade entre Lula e Obama. Embora constatado o mútuo respeito entre os líderes, as potencialidades de cooperação foram perdendo espaço, tendo em vista as crescentes divergências e conflitos de interesse. Tais dissonâncias, como concluíram Ferreira e Costa Filho (2017), permeiam pelo fato de que a PEB buscou por uma política externa assertiva e diversificou suas parcerias. Nesse sentido, a importância relativa de um parceiro específico, como os Estados Unidos, foi dispersada a partir da postura brasileira de diversificação e autonomia. Outro aspecto incluído nessa mudança é o aumento significativo da importância de atores emergentes, exemplificados pelo diálogo Sul-Sul e pelos BRICS.

Contudo, é de suma importância compreender que o Brasil não interpõe confrontos diretos ou afastamento orientado ideologicamente contra os Estados Unidos. O que poderia ser caracterizado como um “antiamericanismo” é na verdade a assertividade do interesse nacional a partir de programas de política exterior. Ao assumir tal postura, o Brasil assume maiores pontos de conflito aos interesses dos EUA. São exemplos questões como a posição brasileira contrária à guerra no Iraque, os dissensos das negociações comerciais hemisféricas, o caso de Honduras e do Irã, as críticas brasileiras às ações estadunidenses na Venezuela e Colômbia, os entraves na Rodada Doha e o ambíguo posicionamento dos EUA sobre a mediação do Brasil durante as Declarações de Teerã (AMORIM, 2015; HIRST, 2019; MILANI, 2011).

Passando para o governo de Dilma Rousseff, esta não conseguiu acompanhar o mesmo perfil do governo Lula da Silva pautado na inserção, universalização e assertividade na atuação internacional. Dilma atuou em um perfil de Diplomacia Presidencial mais moderado, porém com as altas expectativas em gerar novas alternativas de relação proveitosa com os estadunidenses (RICUPERO, 2017). É possível observar, destarte, uma continuidade nesta estratégia de inserção internacional como uma política de Estado. No que diz respeito à relação bilateral com os Estados Unidos, embora tenha sido marcada pelos casos de espionagem americana seguido do cancelamento da visita da presidenta aos Estados Unidos, as agendas de

cooperação envolvendo setores específicos, como por exemplo, comunicação, aeroespacial, biotecnologia e empresarial foram concretizadas (PECEQUILO, 2014).

Adiante, no curto mandato de Michel Temer, a Política Externa Brasileira reintegrou sensivelmente suas prioridades à órbita de Washington. Dentre elas, estava a retração da diversificação – lê-se autonomia – justificada pelas políticas econômicas liberais e pela visão pró-Occidente (HIRST, 2022). Dessa forma, Pecequilo (2021) argumenta que tal movimento pode ser constatado a partir do pedido brasileiro de ingresso na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a postura do governo perante o contexto venezuelano, pavimentando o caminho da PEB para o governo seguinte.

Por fim, tendo em vista as afinidades de Bolsonaro-Trump e suas convergências ideológicas, as relações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos fundamentou-se pela oposição, ao menos retórica, ao multilateralismo e pela visão pró-Occidental (LIMA e ALBUQUERQUE, 2019). Tal alinhamento é atestado, para tanto, nas promessas de campanha de Jair Bolsonaro ao defender a retirada do Brasil da ONU, suas duras críticas à China e o reposicionamento na questão Israel-Palestina. Destarte a literatura incipiente, é possível advogar que este período das relações com Washington estivera entremeado em um alinhamento presente nas figuras dos respectivos presidentes, o que poderia ser enquadrado como um americanismo ideológico (PINHEIRO, 2000). Esta afirmação categórica encontra lastro na explicitação de uma espécie de cosmovisão normativo-filosófica proposta pelo ex-chanceler Ernesto Araújo (2017).

Diante desse breve histórico, é possível argumentar que há momentos conjunturais de maior aproximação e distanciamento entre Brasil e Estados Unidos. Nesse sentido, obtém-se um panorama geral capaz de identificar como os grandes jornais brasileiros enquadram a imagem desta relação bilateral a partir de suas agendas específicas, com a possibilidade e a característica de influenciar os processos de tomada de decisão.

4. METODOLOGIA

Compreender e analisar a política é a necessidade de entender o que os atores políticos estão dizendo e escrevendo, reconhecendo que a linguagem é central para o estudo político e que não é algo novo (GRIMMER e STEWART, 2013). Corroborando com argumentos de Chomsky e Herman (1988), o discurso é colocado como produtor de sentidos e significados para a criação da realidade, produzido pelo ator em questão. Assim, em qualquer

enquadramento e agenda propugnada pela mídia, o que é destacado ou enfatizado, o que é explicitado ou omitido é pautado por uma decisão editorial (FAIRCLOUGH, 1995).

Também é objetivo desta pesquisa contribuir de forma modesta para o escopo teórico sobre a mídia ao advogar que esta não desempenha um papel de observador neutro. Ao retratar sobre a política externa, age como um ator no cenário internacional capaz de exercer influência a partir das suas veiculações. Nesse sentido, o corpo editorial dos jornais brasileiros foi coletado e selecionado para analisar como a mídia enquadra o vínculo bilateral entre Brasil e Estados Unidos. Para descrever a agenda bilateral, será feita uma combinação de análise quantitativa e qualitativa, esta última sendo nomeadamente a Análise de Conteúdo. A escolha por este método se dá pela necessidade do exame de grande quantidade de dados com a categorização destes a partir de dicionário de palavras-chave e utilização do software IRAMUTEQ (LAMONT, 2015).

Em suma, a Análise de Conteúdo é uma maneira de transformar dados textuais em forma numérica, permitindo analisar uma grande quantidade de dados através de categorizações e códigos (BARDIN, 2011). No contexto da mídia, tais metodologias são usadas para mensurar a produção de notícias, palavras-chave, frequência de palavras ou gatilhos lexicais ao mesmo tempo em que fornece relato descritivo da substância do texto. Nesse sentido, permite identificar padrões e regularidades através de uma forma específica e plausível de análise dos dados. Esta combinação pretende por compreender determinada representação inserida na análise dos editoriais, como por exemplo, a frequência que determinada palavra aparece (*word frequency*), indicando um padrão no discurso. Para tanto, um resultado de dados quantitativos combinada com uma análise qualitativa do discurso dos atores envolvidos pode fornecer uma compreensão mais profunda sobre o objeto de estudo (LAMONT, 2015).

A Análise de Conteúdo proposta pela autora Laurence Bardin (2011) passa, grosso modo, por três etapas: a organização, na qual decorre a filtragem e a leitura flutuante dos dados a serem analisados, isto é, os editoriais; a codificação para atribuição de índices, palavras-chave, considerando as unidades de significação, como por exemplo, frases e segmentos de texto - nesta etapa é aplicado o uso do software IRAMUTEQ; por fim, ocorre a categorização baseado nos resultados da codificação (BARDIN, 2011). A coleta dos editoriais foi feita a partir do acervo digital de cada jornal explicitado (*FSP*, *OESP* e *OG*) no período de janeiro de 2000 até dezembro de 2019, filtrando-os pelos termos de “política externa” e “Itamaraty” associado à palavra-chave “Estados Unidos”. Do mesmo modo, foi utilizado o programa IRAMUTEQ para

classificar todo o *corpus* textual a partir do vocabulário e contexto semelhante, ao tempo em que organiza a análise dos dados em um dendrograma (CAMARGO, 2005).

Tal delineamento metodológico combinado é reflexo do caráter *sui generis* do corpo editorial. Sendo esta uma análise de corpus textual que é jornalístico, mas ao mesmo tempo de caráter eminentemente opinativo e formativo. Tal fato requer, portanto, além da materialidade linguística de compreender e categorizar o conteúdo expresso, também interpretar os efeitos e sentidos colocados no texto. Postula-se utilizar métodos automáticos de análise de dados, como por exemplo, o Método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que classifica o texto e o reparte de acordo com o seu vocabulário, conjugado com a análise interpretativa para descrever o problema-específico (GRIMMER e STEWART, 2013).

5. ANÁLISE DAS RELAÇÕES BRASIL – ESTADOS UNIDOS NA MÍDIA

Tendo sido apresentados os marcos teóricos da mídia, um breve histórico sobre a relação bilateral e os referidos métodos, esta parte será destinada para a análise e interpretação ancorada nos editoriais sobre o vínculo entre Brasília e Washington. Desse modo, será feito a descrição e classificação dos dados a partir da operacionalização dos conceitos sobre *framing* e *agenda setting* utilizando da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011). Vejamos.

Durante os anos de 2000-2019 as publicações editoriais dos três jornais, em aferição aproximada, somaram cerca de quarenta e cinco mil publicações. Entretanto, o banco de dados concatenado nesta pesquisa foi feito a partir da coleta dos editoriais contendo as palavras-chave “Política Externa” ou “Itamaraty”, o que totalizou 940 emissões. Deste universo editorial utilizado, foram filtrados ainda aqueles que mencionam ao menos uma vez os “Estados Unidos”, somando um ‘n’ de 434 editoriais, ou seja, 46,17%. Tal valor já denota a relevância desse ator para a discussão sobre política exterior. Ademais, por meio de leitura flutuante, como indica Bardin (2011), é possível afirmar que os editoriais tratam e abordam os diversos temas tomando como referência a participação brasileira e o papel da Política Externa Brasileira nessa dinâmica. Assim, quando se busca a palavra chave “Estados Unidos” nos editoriais, há a percepção do fato pautado a partir da visão do Brasil e sua interação com este e os demais atores e temas. Ademais, dos 434 editoriais, 55 (12,7%) são da *FSP*, 90 (20,8%) estão endereçados ao *OG* e, por fim, 289 (66,5%) referentes ao *OESP*. Este último possui a maior quantidade de editoriais sobre temas de política exterior do Brasil durante o tempo analisado.

A partir da frequência de palavras no corpo do texto dos 434 editoriais analisados é possível indicar quais são os temas mais recorrentes ao longo dos anos. Como afirma Barrie (2000), tais métodos servem para encontrar padrões e tendências nas representações da mídia e compreender a representação de determinados grupos na sociedade. Levando em consideração que os editoriais já foram filtrados dentro do contexto das relações bilaterais, é comum que palavras como “Brasil”, “EUA”, “política”, “país”, “presidente”, “Lula”, “Obama”, “governo” apareçam com maior frequência. Assim, a fim de identificar as temáticas do referido escopo, o Quadro 1 a seguir explicita as palavras significativas além daquelas representativas próprias do vínculo bilateral. Tal escolha analítica pode apresentar lacunas e, por exemplo, não identificar quais presidentes brasileiros ou estadunidenses mais aparecem nos editoriais. Contudo, tal hiato aberto nesse primeiro momento será preenchido em análises posteriores. Vejamos.

Quadro 1 - Agenda temática dos editoriais por *word frequency*

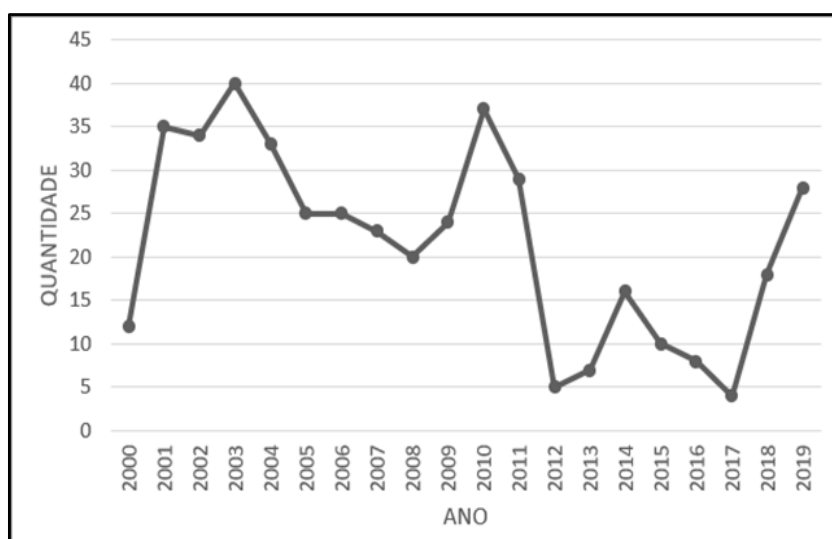
Ano	Temas Recorrentes		
2000	Comércio	OMC	ALCA
2001	Comércio	ALCA	Livre comércio
2002	Comércio	ALCA	Mercosul
2003	ALCA	Mercosul	Iraque
2004	Comércio	China	Mercosul
2005	CSNU	Mercosul	ONU
2006	Mercosul	Venezuela	Chávez
2007	Mercosul	Venezuela	China
2008	Comércio	Rodada Doha	OMC
2009	Segurança	Irã	Chávez
2010	Irã	Nuclear	ONU
2011	CSNU	ONU	Comércio
2012	Mercosul	Paraguai	Argentina
2013	Patriota	Comércio	Acordo
2014	Cuba	Comércio	Venezuela
2015	Comércio	Mercosul	Argentina
2016	Fidel	Golpe	OMC
2017	Carne	Coreia do Norte	ONU
2018	Comércio	Mercosul	China
2019	Araújo	Comércio	Acordo

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

A princípio, podemos identificar a prevalência de temas como comércio, Mercosul e Alca. Ademais, países como China, Venezuela, Irã, Iraque e Cuba são mencionados e denotam atenção dos editoriais. Entretanto, é importante agregar outro dado para a análise: a quantidade

de editoriais publicados anualmente. Tal dado possibilita concatenar a atenção e a importância que os jornais depositam sobre determinado tema a partir de números absolutos. Nesse sentido, nota-se um aumento significativo da publicação de editoriais no final do último mandato de Fernando Henrique Cardoso (FHC) e os primeiros anos de governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, justamente entre os anos de 2001-2003. Do mesmo modo, decorre um novo pico editorial com menções aos Estados Unidos durante a transição do governo Lula para Dilma Rousseff, entre os anos de 2010 e 2011. E, por fim, há uma projeção de aumento editorial no período de 2018 e 2019, início do governo Jair Bolsonaro, vide Gráfico 1.

Gráfico 1 – Editoriais com a palavra-chave “Estados Unidos”



Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

No primeiro momento, a relação entre Brasil e EUA é retratada no âmbito das negociações e disputas comerciais, principalmente em torno do Acordo de Livre Comércio das Américas (ALCA) e nas questões levadas à OMC. Tais agendas recebem especial atenção de editoriais intitulados, por exemplo, “Plebiscito da Alca”, “Lula, Mercosul e Alca”, “A Alca é perigosa, o mundo também”, “Comércio Livre” e “A Guerra da Agricultura na OMC”. É justamente nesse período que o Brasil contesta na OMC a política norte-americana sobre o algodão e apresenta alguns requisitos para entrar na Alca, protelando a negociação. Embora Fernando Henrique Cardoso tenha garantido um bom relacionamento com o então presidente estadunidense Bill Clinton, num misto de aliança e alinhamento com os EUA, cresce do ponto de vista político uma tensão com os Estados Unidos na disputa entre bilateralismo e multilateralismo, tendo em vista a criação de novos espaços de negociação. Assim, como

mercado mundial, o Brasil passou a enfatizar sua autonomia em busca de melhores condições comerciais bilaterais (VIGEVANI e OLIVEIRA, 2007; MILANI, 2011).

Historicamente, tal quadro de divergência se intensifica após a ascensão de George Bush à Casa Branca e à posse do presidente Lula como contraponto à política belicosa do governo norte-americano (FERREIRA e RIBEIRO, 2022). Desse modo, o primeiro aumento da produção editorial está focado nas relações Brasil-Estados Unidos, principalmente, nos temas comerciais. Grosso modo, há um tom de demanda editorial pela inserção brasileira no mundo a partir da liberalização comercial, nomeadamente sob a égide da Alca e dos diferendos na OMC. Entretanto, é comum aos três jornais analisados (*FSP*, *OESP* e *OG*) a necessidade de atenção aos pontos levantados na negociação da Alca. Estes são tomados pelos editoriais como limitadores do desenvolvimento brasileiro, como por exemplo, as regras de investimento relativas ao protecionismo dos EUA na agricultura, os subsídios e barreiras colocadas.

Já o segundo grande pico de publicações editoriais se dá no final do segundo governo Lula da Silva e início do primeiro mandato de Dilma Rousseff, entre os anos de 2009 e 2011. Neste período de tempo Lula é mencionado 160 vezes e Barack Obama recebe 144 menções. O Irã também aparece com 120 menções. ONU e Conselho de Segurança são outros termos que recorrem com grande frequência nos editoriais publicados. Denota-se, portanto, que estão em pauta os eventos sobre o Brasil na busca de sua afirmação como potência emergente, principalmente neste caso do Irã, assim como ocorreu no caso de Honduras (MILANI, 2011).

Na leitura dos editoriais desse período, demonstra-se a existência de uma forte crítica ao presidente Lula e sua relação com a questão do Irã e de Honduras. Por um lado, os jornais apresentam um otimismo para o Brasil pleitear vaga de assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, por outro lado a crítica está associada ao posicionamento de contraposição aos Estados Unidos. O caso hondurenho é explicitado com maiores críticas ao teor ideológico partidário vinculados à figura do presidente Lula, como afirma a *FSP*² “frustrações da militância partidária doméstica” ou “sentimentalismo ideológico” que é agravado por “maniqueísmo que tantas vezes prevaleceu nas decisões do presidente”.

Os editoriais do *OESP* depõem a favor de que mediar o contencioso sobre o programa nuclear iraniano seria um movimento arriscado que poderia acarretar atritos com a diplomacia

² POLÍTICA EXTERNA. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 de outubro, 2010. “Editorial”. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/index.do>> . Acesso em: 03/10/2022.

e articulação estadunidense. No entanto, como afirma Hirst (2019) “mesmo quando reconhecia a projeção internacional do Brasil” a exemplo de pleitear assento permanente no Conselho de Segurança ou de construir regime de segurança nuclear, “a mídia dificilmente deu crédito aos esforços diplomáticos em si ou a sua eventual contribuição ao processo de paz no Oriente Médio”. A relação Brasília-Washington tomou contornos de conflitos entre agendas, pelos quais os jornais exaltavam a vulnerabilidade e falta de legitimidade da diplomacia brasileira em detrimento de seu desempenho e intento construtivo (HIRST, 2019).

Por fim, o último crescimento de publicações editoriais se deu nos anos de 2018 e 2019, no período de eleições e início do governo de Bolsonaro. No quadro das relações Brasil-Estados Unidos desse período, o enfoque editorial está centrado em torno do vínculo entre os respectivos presidentes e a convergência de posicionamentos. Dentre os temas abordados pelos editoriais, estão o multilateralismo, o comércio em torno da China e a questão Israel-Palestina. Nos dois anos em questão, Jair Bolsonaro é mencionado 138 vezes, enquanto Trump recebe 101 menções. A *FSP*³ passa a produzir mais editoriais em comparação com os anos anteriores, principalmente com menções ao então chanceler Ernesto Araújo e a sua ideologia adjetivada como uma “pitoresca visão de mundo”.

Nesse sentido, o enquadramento editorial dado neste último período coloca os novos parâmetros da visão pró-ocidente partilhada por Trump e Bolsonaro. É enquadrado o alinhamento ideológico de agendas, ressaltando um grande perigo atinente aos prejuízos que tal postura causaria diante da China, principal parceiro comercial do Brasil. De fato, o alinhamento de Brasília com Washington esteve atrelado às críticas especialmente em áreas como direitos humanos, gênero e proteção ambiental. Outrossim, a condescendência de Bolsonaro a Trump explicitava uma mensagem anti-China (HIRST, 2022).

Com o intuito de aprofundar a Análise de Conteúdo, utilizamos a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do software IRAMUTEQ para explicitar o enquadramento editorial a partir de unidades analíticas frasais. Ou seja, dos 434 editoriais contendo a palavra-chave “Estados Unidos”, foram extraídas frases de recorte ainda mais localizado, a partir das seguintes palavras-chave: americana, americanas, americano, americanos, Casa Branca, Bush,

³AS TESES DO CHANCELER. Folha de São Paulo., 17 de novembro, 2018. “Editorial”. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/index.do>> . Acesso em: 03/10/2022.

Clinton, Obama, Trump, Estados Unidos, EUA e Washington. Resultando num total de 3415 frases, das quais 88% passaram pela CHD do IRAMUTEQ.

Dessa forma, concretizou-se um enquadramento ainda mais contextualizado para os fins da pesquisa. Como demonstra o Quadro 2, obtém-se o contexto que cada frase está inserida classificando-as a partir de vocabulário específico e pelas frases que compartilham similaridade ou diferenças de vocabulário. A análise lexicográfica ressalta as palavras mais relevantes e recorrentes enquanto a porcentagem denota a recorrência da referida palavra no contexto de classificação, em comparação com a quantidade de vezes que ela aparece nos editoriais como um todo. Esta análise visa obter categorias que apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente das frases de outras classes (CAMARGO, 2005).

Quadro 2 – Resultado da Classificação Hierárquica Descendente do corpus textual

	Classificação	Análise Lexicográfica		Variável Significativa
		Palavra	%	
Enquadramento editorial por temas	1. Liberalização comercial e negociação internacional	EUA	35%	Estados Unidos
		Brasil	54%	
		Livre	89%	
		ALCA	84%	
		Comércio	66%	
	2. Economia e comércio do Brasil	Subsidio	100%	
		OMC	97%	
		Agrícola	86%	
		Algodão	96%	
		Barreira	100%	
	3. Política exterior dos EUA e segurança internacional	George Bush	45%	
		Segurança	91%	
		Iraque	84%	
		Guerra	70%	
		Terrorismo	89%	
	4. Atores em política exterior e eleições	Clinton	90%	
		Trump	72%	
		Lula	72%	
		Barack Obama	61%	
		Candidato	85%	

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa, 2023.

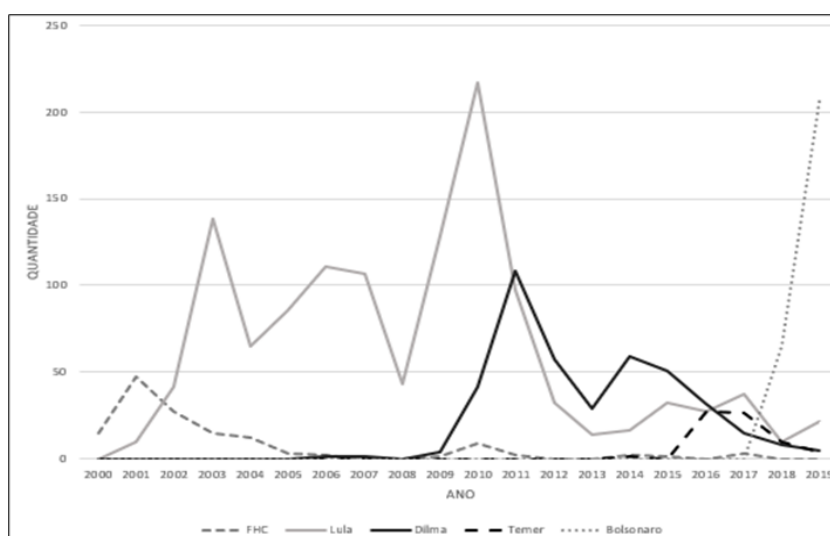
Os achados apontam para a ênfase em temas de economia e comércio internacional, cuja área de disputa entre o Brasil e Estados Unidos, tanto no âmbito da OMC quanto no âmbito da ALCA foi antecipadamente discutida. Nesse sentido, direcionamos o nosso enfoque para um

novo elemento que não havia sido encontrado durante a análise dos editoriais delimitada a partir dos períodos de crescimento de publicações. Uma categoria em destaque é a política exterior dos Estados Unidos vinculada à segurança internacional, em torno da Guerra do Iraque, terrorismo e, centrada na figura de George Bush. Para os jornais, de modo geral, a figura de Bush está associada à política exterior belicosa, unilateral e protecionista.

Nesse aspecto, o tratamento editorial sai do campo das relações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos e adentra em uma análise focalizada na política exterior norte-americana, principalmente, na área temática de segurança, o que, por si só demonstra um interesse editorial. A figura do Brasil é enquadrada como ator satélite nesse assunto, atrelado novamente à sua postura construtiva para mediação e reafirmação da resolução pacífica de controvérsias. Decerto, vale mencionar que as palavras “ONU” e “Chávez” também aparecem na análise lexicográfica, embora não possuam uma alta frequência para serem apresentadas no Quadro 2.

Por fim, a última categoria aborda temas em torno das figuras presidenciais e a ação destes em viagens, visitas, acordos e atos internacionais. Clinton, Trump e Obama são os representantes estadunidenses, enquanto Lula é aquele que obtém maior frequência nessa categoria. Em geral, os editoriais avaliam as posturas, discursos e a liderança dos presidentes. Durante o período analisado (2000-2019) Lula é o presidente brasileiro mais mencionado, enquanto Bush é o presidente norte-americano que totaliza a maior quantidade de menções editoriais. Vejamos, portanto, a frequência das menções dos presidentes brasileiros e estadunidenses ao longo do tempo no Gráfico 2 e Gráfico 3.

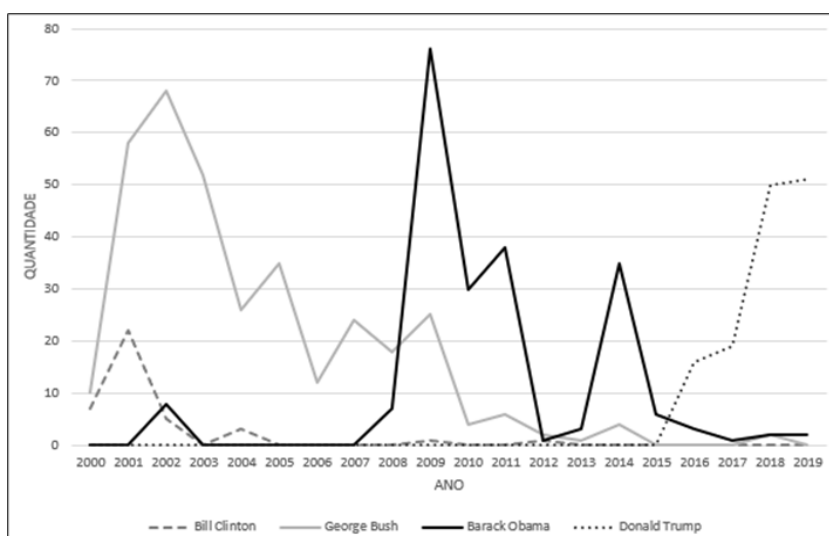
Gráfico 2 – Menções dos Presidentes do Brasil nos editoriais



Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

Avaliando os dados quantitativos, o presidente Lula é a figura presidencial mencionada mais vezes, que perdura um maior período de tempo. Há o aumento das menções no início do seu primeiro mandato, assim como ocorre outro aumento no final do segundo mandato. Ainda durante o governo Dilma, Lula possui uma média de menções comparativamente maior do que os outros ex-presidentes brasileiros. Por fim, há um aumento significativo das menções a Bolsonaro nos anos de 2018 e 2019.

Gráfico 3 – Menções dos Presidentes dos EUA nos editoriais



Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

Outrossim, os presidentes norte-americanos, em números absolutos, possuem uma quantidade inferior de menções em comparação com os presidentes do Brasil. George Bush é a figura mais mencionada por um maior período de tempo. Em uma leitura flutuante dos editoriais (BARDIN, 2011), é possível notar que tanto para Lula, quanto para Bush os jornais tomam esses governos como referência para fazer comparações com outras gestões. Por exemplo, durante o governo Obama os editoriais costumam comparar sua política exterior à política externa de George W. Bush. Do mesmo modo, durante o governo de Dilma, os editoriais a comparam com a figura e a diplomacia presidencial protagonizada pelo seu antecessor. Dessa forma, a recorrência do elemento comparativo nos editoriais justifica a recorrência de menções, às vezes expressa como “doutrina Bush”, “bushismo” ou “lulopetismo” e “lulista”.

A centralidade nas figuras presidenciais é um ponto em comum nos três jornais em questão. Entendendo a relação Brasil-Estados Unidos como o resultado da interação da política externa destes países, o tratamento editorial aborda e interage positiva ou negativamente a partir da perspectiva brasileira como sujeito ativo. Em alguns casos tal visão é institucionalizada na

figura do “Itamaraty” ou do “corpo diplomático”, contudo, na maioria das vezes, a PEB é personificada na figura do presidente, característica brasileira sobre a condução da ação internacional. Nesse sentido, há em cada governo uma adjetivação específica da relação do Brasil com os Estados Unidos, centrada na figura do líder. Vejamos o quadro-síntese das adjetivações dadas, de modo geral, pelos jornais a cada um dos presidentes brasileiros.

Quadro 3 – Presidentes brasileiros frente aos EUA segundo os jornais *FSP*, *OESP*, *OG*

Período	Presidente EUA	Presidente BRA	PEB pelos Editoriais
2000-2002	Bill Clinton George W. Bush	Fernando Henrique	- Ativa de acordo com os interesses nacionais ⁴ .
2003-2010	George W. Bush Barack Obama	Lula da Silva	- Antiamericanista, baseado na ideologia e terceiro-mundista ⁵ .
2011-2016	Barack Obama	Dilma Rousseff	- Mínimo esforço, desinteressada e omissa ⁶ .
2016-2018	Barack Obama Donald Trump	Michel Temer	- Ajustes e aproveitamento conjuntural dos EUA ⁷ .
2019	Donald Trump	Jair Bolsonaro	- Alinhamento automático, baseado na ideologia e isolacionista ⁸ .

Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

6. CONCLUSÃO

O presente artigo pretendeu compreender de forma descritiva o enquadramento e a representação da relação bilateral Brasil-Estados Unidos a partir da análise qualitativa e quantitativa dos editoriais. Ao encontrar e identificar padrões e tendências nas representações

⁴ UMA DIPLOMACIA MADURA. O Estado de São Paulo. 09 de fevereiro, 2000. “Editorial”. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>> . Acesso em: 03/10/2022.

⁵ ANTIAMERICANISMO SEM LASTRO. O Estado de São Paulo. 03 de setembro, 2007. “Editorial”. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>> . Acesso em: 03/10/2022.

⁶ DIPLOMACIA DE ESTADO. Folha de São Paulo. 05 de abril, 2014. “Editorial”. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/index.do>> . Acesso em: 03/10/2022.

⁷ A CHANCE DE TEMER NA POLÍTICA EXTERNA. O Globo. 11 de março, 2017. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em 03/10/2022.

⁸ UMA POLÍTICA EXTERNA DE ALTO RISCO, POR IR CONTRA TRADIÇÕES DO ITAMARATY. O Globo. 01 de março de 2019. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em 03/10/2022.

da mídia, foi possível explicitar um enquadramento e uma agenda bem definida pelos jornais. Do mesmo modo, localizou-se a relevância do vínculo Brasília-Washington na mídia nacional ao tempo em que se comparou o conteúdo da mídia com os marcos teóricos estabelecidos.

Concluí-se, portanto, que a mídia age como um construtor de valores, crenças e códigos de comportamento que os integrem nas estruturas institucionais da sociedade mais ampla, assim como produz uma compreensão, retrato ou percepção de um problema e projeta mensagens e símbolos em seu discurso (HERMAN e CHOMSKY, 2010). Dessa forma, é possível admitir que as notícias, artigos de opinião e editoriais a partir da escolha editorial em omitir ou enfatizar determinado assunto, fato ou tema decide por projetar e priorizar determinada agenda (FAIRCLOUGH, 1995). Tudo isso para dizer que, ao tomar como base os conceitos de *framing* e *agenda setting* trabalhados, ou seja, o enquadramento e o poder de agenda da mídia, nota-se que o retrato editorial no escopo da relação Brasil-Estados Unidos se volta majoritariamente para temas comerciais, de segurança e a atuação de tomadores de decisão.

Nesse sentido, em grande medida percebe-se que a agenda propugnada pelos jornais está na órbita das temáticas sobre o comércio internacional, a economia nacional, o agronegócio e integração regional. Temas de segurança também são matérias recorrentes, principalmente no que diz respeito à atuação intervencionista estadunidense e a tentativa brasileira de mediar conflitos, especialmente durante os governos Lula da Silva. As atuações dos presidentes, por sua vez, são enfoques frequentes, no que tange aos discursos ou visitas presidenciais. Outrossim, nota-se o aumento da produção editorial em períodos eleitorais brasileiros, de transição de poder e de disputas, indicando atenção dos meios de comunicação nestes períodos.

Para os devidos fins, tomou-se como pressuposto a homogeneização dos três jornais *FSP*, *OESP* e *OG*, por entender que as diferenças substantivas tocam poucos pontos em comparação com a quantidade de dados trabalhados. Assim, o presente artigo singularizou a mídia brasileira a partir dos editoriais de três jornais diferentes. Contudo, fica evidente a preponderância quantitativa do jornal O Estado de São Paulo em temas atinentes à política externa. Logo, destrinchar tais jornais é matéria profícua para pesquisas futuras. Ademais, ao tempo em que os editoriais colocam a perspectiva da ação externa brasileira frente à política externa norte-americana, é notável o enquadramento editorial referido sobre a política externa dos EUA propriamente dita, análise que também merece atenção para pesquisas vindouras.

Sendo continuamente permeável à dinâmica das elites, tomadores de decisão e da opinião pública (BAUM e POTTER, 2008), pode-se argumentar que o enquadramento e a

agenda editorial dos jornais brasileiros os qualificam como ator interessado sobre a matéria da política externa brasileira e dos Estados Unidos. Entendendo que foram encontrados dados confiáveis, esse artigo buscou contribuir de forma modesta também para os estudos sobre o papel da mídia no cálculo da política externa do Brasil. Acredita-se que as descobertas desta pesquisa ampliam e projetam arcabouço para o desenvolvimento do estudo sobre as relações entre mídia, elites, opinião pública, tomadores de decisão e política externa.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Celso. Teerã, Ramalá e Doha. **Memórias da política externa ativa e ativa**. Benvirá, 2015.
- ARAÚJO, Ernesto. Trump e o Ocidente. **Cadernos de Política Exterior**, v. 3, n. 6, p. 323-357, 2017.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. **Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político**. Opinião Pública, v. 12, p. 88-113, 2006.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Brasil, **Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao MERCOSUL)**. Editora José Olympio, 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRIE, Gunter. **Media Research Methods: Measuring Audiences reactions and Impact**. 2000.
- BAUM, Matthew A.; POTTER, Philip BK. The relationships between mass media, public opinion, and foreign policy: Toward a theoretical synthesis. **Annu. Rev. Polit. Sci.**, v. 11, p. 39-65, 2008.
- BAUM, Matthew A.; POTTER, Philip BK. Media, public opinion, and foreign policy in the age of social media. **The Journal of Politics**, v. 81, n. 2, p. 747-756, 2019.
- CAMARGO, Brígido Vizeu et al. ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**, v. 1, p. 511-539, 2005.
- CASARÕES, G. S. P. A mídia e a política externa no Brasil de Lula. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v. 1, n. 2, p. 211-236, 2012.
- CERVO, Amado; BUENO, Clodoaldo. **História da Política Exterior do Brasil**. – 5ª ed. rev. ampl., – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.
- CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. **Manufacturing consent: The political economy of the mass media**. London: Vintage Books, 1994.
- COHEN, BC. **The Press and Foreign Policy**. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1963.
- ENTMAN, Robert M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- FAIRCLOUGH, **Media Discourse**. London: Edward Arnold, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. Pearson Education, 2001.
- FERREIRA, Túlio Sérgio Henriques; COSTA FILHO, Hildeberto Holanda Alves. O antiamericanismo e a política exterior de Lula da Silva (2003-2010). **Diálogos-Revista do**

Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, v. 22, n. 1, p. 229-246, 2018.

FERREIRA, Túlio Sérgio Henriques; CUNHA, Ester Almeida Carneiro da. A política externa brasileira do governo Lula da Silva (2003-2010) nas páginas de Carta Capital e Veja: um estudo comparativo. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 44, p. 209-230, 2021.

FERREIRA, Túlio SH; RIBEIRO, Pedro Feliú. O Brasil dos governos FHC e Lula pela lente editorial de 4 grandes jornais dos EUA. **Mídia, Opinião Pública e Política Internacional**. Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022. pp. 141-160.

GRIMMER, Justin; STEWART, Brandon M. Text as data: The promise and pitfalls of automatic content analysis methods for political texts. **Political analysis**, v. 21, n. 3, p. 267-297, 2013.

GUIMARÃES, Cesar. A política externa dos Estados Unidos: da primazia ao extremismo. **Estudos Avançados**, v. 16, p. 53-67, 2002.

HALLIN, Daniel. **The Uncensored War**. Berkeley: University of California Pres, 1986.

HANUSCH, Folker; TANDOC JR, Edson C. **Comments, analytics, and social media**: The impact of audience feedback on journalists' market orientation. **Journalism**, v. 20, n. 6, p. 695-713, 2019.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **Manufacturing consent**: The political economy of the mass media. Random House, 2010.

HIRST, Monica Ellen Seabra. Potências emergentes e negociações de paz: a experiência brasileira nas conversações nucleares com o Irã. **Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, v. 8, n. 15, p. 68-93, 2019.

HIRST, Monica Os cinco “as” das relações Brasil–Estados Unidos: aliança, alinhamento, autonomia, ajustamento e afirmação. **Relações internacionais do Brasil: temas e agendas**, v. 1, p. 91-127, 2006.

HIRST, Monica. Potências emergentes e negociações de paz: a experiência brasileira nas conversações nucleares com o Irã. **Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, v. 8, n. 15, p. 68-93, 2019.

HIRST, Monica; SPEKTOR, Matias. **Brasil-Estados Unidos: desencontros e afinidades**. Editora FGV, 2009.

HUDSON, Valerie M. **The history and evolution of foreign policy analysis**. Foreign Policy: theories, actors, cases, v. 2, p. 13-34, 2008.

LIMA, Maria Regina Soares de; ALBUQUERQUE, Marianna. O estilo Bolsonaro de governar e a política externa. **Boletim Opsa**, v. 1809, p. 15, 2019.

LIMA, Maria Regina Soares de; Instituições democráticas e política exterior. **Contexto internacional**, v. 22, n. 2, p. 265, 2000.

- LOPES, Dawisson Belém. A política externa brasileira e a " circunstância democrática": do silêncio respeitoso à politização ruidosa. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 54, p. 67-86, 2011.
- MILANI, Carlos Roberto Sanchez. A importância das relações Brasil-Estados Unidos na política externa brasileira. 2011.
- NETO, Octavio Amorim. De Dutra a Lula: a condução e os determinantes da política externa brasileira. Elsevier Brasil, 2011.
- NOGUEIRA, Silvia. Reflexões sobre o papel da mídia na construção do nationess: os casos da Telesur e da Al-Jazeera. **Carta Internacional**, v. 7, n. 2, p. 127-148, 2012.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. As relações bilaterais Brasil-Estados Unidos no governo Dilma Rousseff, 2011-2014. **AUSTRAL: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, v. 3, n. 6, 2014.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. Brazilian foreign policy: from the combined to the unbalanced axis (2003/2021). **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 64, 2022.
- PINHEIRO, Letícia. Traídos pelo desejo: um ensaio sobre a teoria e a prática da política externa brasileira contemporânea. **Contexto internacional**, v. 22, n. 2, p. 305, 2000.
- RICUPERO, Rubens. A diplomacia na construção do Brasil: 1750-2016. Versal, 2017.
- ROBINSON, Piers. **The role of media and public opinion**. Foreign policy: theories, actors, cases, p. 137-154, 2008.
- ROBINSON, Piers. Theorizing the influence of media on world politics: Models of media influence on foreign policy. **European Journal of Communication**, v. 16, n. 4, p. 523-544, 2001.
- ROSENAU, James N. Pre-theories and theories of foreign policy. **Approaches to comparative and international politics**, v. 27, 1966.
- SCHULZ, Kerstin. Foreign policy involvement matters: Towards an analytical framework examining the role of the media in the making of foreign policy. **Global Media Journal-German Edition**, v. 3, n. 1, 2013.
- SHAPIRO, Robert Y.; PAGE, Benjamin I. Foreign policy and the rational public. **Journal of Conflict Resolution**, v. 32, n. 2, p. 211-247, 1988.
- VIGEVANI, Tullo; FERNANDES DE OLIVEIRA, Marcelo. Brazilian foreign policy in the Cardoso era: the search for autonomy through integration. **Latin American Perspectives**, v. 34, n. 5, p. 58-80, 2007.